

VI

A HISTORIA PATRIA E A EDUCAÇÃO NACIONAL

Si o brasileiro ignora a geographia patria, mais profunda é ainda a sua ignorancia da historia nacional. A geographia, essa aprende-se um pouco empiricamente nas viagens e digressões pelo paiz, nas conversações, na leitura das folhas diarias e nas mesmas relações sociaes. A historia, não ha outro meio de aprendel-a sinão estudando, e o brasileiro não estuda, ou tendo-a sempre materialmente representada por monumentos de toda ordem, e os não tem o Brazil.

Porque não é sómente nas escolas ou pelo estudo dos autores e documentos, que se póde

estudar a historia patria. O minimo ao menos do conhecimento do passado nacional indispensavel ao cidadão de um paiz livre e civilisado, e, porventura, o que mais importa saber para despertar n'elle os fecundos estimulos do sentimento patrio, ha outros meios que o ensinem. Os monumentos, os museus, as collecções archeologicas e historicas, essas construcções que os nossos antepassados com tanta propriedade chamaram memorias, são outras tantas maneiras de recordação do passado, de ensino historico portanto e, em ultima analyse, nacional.

E ensino ás vezes bem mais eloquente e palpavel que a prosa de um historiador. Dir-se-ia d'isso houveram consciencia os antigos, levantando a cada grande feito, e d'esse modo consagrando-o, alguma construcção que mais duradoura que a memoria dos coevos ou que o papyro, o liber ou o pergaminho dos escribas, trouxesse até nós a memoria de seus gestos grandiosos.

Por vezes a essas memorias de pedra ou de bronze juntam-se os cantos dos poetas e as lendas populares: uns e outros productos das mesmas forças emotivas que o povo contém e

que ou se consubstanciam e, por assim dizer, se individualisam n'um homem ou se dividem e repartem n'uma florescencia anonyma, mas vibrante e quente, da alma nacional. Portugal por exemplo — e é grato a quem tem a religião do passado rememorar os fastos gloriosos dos avós — Portugal, tem para recordar os dois factos capitaes da sua vida historica, a batalha de Aljubarrota, que lhe firmou a independencia, e as grandes navegações, e a consequente descoberta do caminho da India, que lhe deram a razão de ser historica, além das maravilhosas fabricas dos conventos de Nossa Senhora da Victoria e dos Jeronymos, o estupendo cyclo dos seus cancioneros e o sublime poema de Camões.

O Escorial é toda uma pagina, sombriamente gloriosa, da historia da Hespanha, como Westminster é, não só uma gloria do passado inglez, como o cofre gloriosissimo que mais do que o sepulchral *Bank of England* encerra a maxima riqueza da Inglaterra: os despojos d'aquelles que a fizeram verdadeiramente grande: os seus navegadores, os seus poetas, os seus sabios, os seus oradores, os seus estadistas, os seus artistas e os seus escriptores.

Nações ha — e notareis, que são as mais adiantadas e progressivas — ciosissimas do seu passado e tradições e de todos os monumentos que os relembram e perpetuam. Não só desveladamente os conservam e restauram, sinão que carinhosamente vão erguendo novos, ou rebuscando e esquadrinhando antigos, com que engrossem os seus thesouros de recordações patrias, n'um tocante sentimento de amor d'essas recordações.

São agora innumerous os museus e collecções que, templos do patriotismo, encerram as reliquias do passado nacional.

Juntae a isto as inscripções lapidares consagrando o nascimento, a morte ou a simples passagem de um fallecido compatriota illustre, as estatuas, monumentos funerarios e memorias diversas, com que esses povos diariamente consagram, para a immortalidade e para a gloria, aquelles que os illustraram ou que os serviram, ou algum feito que os afama e glorifica, e tereis uma constante, eloquente e suggestiva lição de historia nacional.

E, comparando, o que possuímos nós outros brasileiros, tão ignorantes do nosso passado,

como descaroaveis de nossas glorias — que as temos — que de longe siquer se cotege com isso?

O nosso passado historico, as nossas origens politicas, são-n'os alguma cousa de vago e indefinido, como as epochas prehistoricas que ficam para lá do homem quaternario.

A profunda indifferença, feição dominante do nosso character, fez-nos sobretudo desprezar o nosso passado que nunca estudámos e que não conhecemos, e este lamentavel esquecimento e desamor foi parte grande n'esta nossa falta de sentimento nacional apontada.

No estado actual do Brazil a escassez de tal sentimento encerra acaso grandes e graves perigos. O verdadeiro patriota, que sem os irreflectidos enthusiasmos partidarios, assiste á reconstituição do paiz sob a forma federativa, aliás tão de molde para elle, estremece, lembrando-se quão precaria póde-se tornar de momento a unidade nacional da qual depende a sua grandeza, si lhe faltar um momento aquillo, que mais que as coacções da força, une os povos e faz as nações: o sentimento do passado, a possessão em commum de um rico legado de tradições, o desejo de viver juntos, e a incessante vontade de manter e

continuar a fazer valer indivisa a herança recebida. ¹

Para combater esse mal, para despertar em nós o sentimento da solidariedade e dar-nos a base moral que verdadeiramente faz e engrandece as nações, carecemos sem perda de tempo, com entusiasmo e com amor, fazer, teimo em repetil-o, a nossa educação nacional.

A educação nacional se não pôde fazer sinão pelo estudo da patria, e no estudo da patria a sua historia é, quasi poderia dizer, a parte principal.

Todos os povos — é obrigação insistir n'estas comparações que, especie de razões concretas, valem por ventura mais que os melhores argumentos abstractos — todas as nações comprehendem que o sentimento nacional e consequentemente o patriotismo, inspiram-se no conhecimento da patria e da sua historia, isto é, da sua vida.

Na antiguidade, além da vida ser, em um certo ponto, mais activa e digamos assim, mais

¹ E. Renan, *Qu'est ce qu'une Nation?* in *Rev. Polit. et Litt.* Tom. III, 1882, pag. 322.

vivida, vida toda de forum, de ágora, de combates, de luctas, o que por si era uma patente e perenne lição, os espectaculos, como os jogos olympicos e isthmicos, as grandes manifestações guerreiras ou civicas, como os triumphos romanos, eram um estimulo para esse sentimento, aliás sempre alerta diante das invasões e ataques a cada momento possiveis dos barbaros e visinhos. As proprias religiões, de um character estreitamente nacional, e suas pompas, concorriam para trazer acordada essa virtude a que o romano chamou civismo. A educação grega, como a educação romana, foram sobretudo nacionaes, embora cada uma com o seu character proprio, n'uma pacifico e intellectual, espiritual diriamos, n'outra, guerreiro e politico.

Desde a queda do Imperio, invasão dos Barbaros, advento do Christianismo, a idéa de patria desaparece, de um lado pelo baralhamento das linguas, das fronteiras e das raças, de outro sob a influencia da idéa messianica do reino de Deus como unico que valia os esforços humanos, propagada pelo Christianismo triumphante.

No fraccionamento feudal acabou, por assim dizer, por desmanchar-se a idéa de patria frac-

cionada por sua vez na idéa do feudo, do burgo ou da região, e o sentimento nacional, que apenas reaparece com a organização dos Estados modernos após a longa, não diremos noite, mas trabalhosa gestação da idade média.

Nas nações contemporaneas, o sentimento nacional, salvo por accidentes, como na rivalidade entre a França e a Allemanha, creada pela conquista da Alsacia e da Lorena, não tem os mesmos estimulos dos perigos impendentes, como soia acontecer aos gregos e romanos os quaes, no ponto de vista da nossa civilisação, resumem para nós o mundo antigo.

Entretanto, como a Humanidade está ainda bem longe de dispensar as fronteiras e de fazer uma só nação, esse sentimento não sómente tem ainda razão de ser, como é indispensavel á vida das nações, que sem elle viriam a deperecer em uma morte triste, despercebida e ingloria.

O conflicto da vida, mesmo, mudou apenas de aspecto. Em geral não é mais a gloria militar e a dilatação das fronteiras o escopo que anima os povos. A conquista, envergonhada, se disfarça sob o nome de reivindicações, desculpadas com a historia ou com a theoria das nacionalidades

ou, quando fóra do mundo civilisado, com o de cruzada da civilisação contra a barbaria. A lucta, porém, não cessa; apenas de militar tornou-se industrial; não acende acaso o patriotismo ardente dos gregos e romanos, mas aguça talvez mais os appetites de gosar e tirar da vida a maior somma de utilidade que ella comporta.

Incontestavelmente e tristemente é tal o estado d'este fim de seculo, em que por detraz de vinte milhões de homens prestes a se dilacerarem, apparecem muitos milhões mais que elevando quasi a um principio social a lei biologica da victoria do mais apto na lucta pela vida, se apparelham formidavelmente para ella, impavidos e fataes, como o cavalleiro espectro das lendas medievaes, pedindo a sciencia quasi omnipotente dos nossos dias que, novo Vulcano, lhe forge as armas invulneraveis para o medonho combate.

Governos e povos sentem que «n'esta arena pacifica da lucta industrial» consoante a rhetorica com que os arautos annunciam os seus torneios, si não corre sangue, morre-se tambem. E a competencia redobrando de esforços, não esquecem excitar e desenvolver os elementos indis-

pensaveis do triumpho. D'esses elementos, como de outras luctas já o foi em éras idas, é principal o sentimento nacional, agora tambem estimulado, é certo, pela perspectiva e pela apprehensão da lucta. E estímulo é este tão forte que ás vezes só por si o produz e alenta, do que são exemplo irrecusavel os Estados-Unidos, aos quaes si, com alguns esclarecidos pensadores, negarmos esse sentimento por lhe não acharmos os mesmos fundamentos historicos e moraes que o produzem algures, não é licito comtudo refusal-os como manifestação, de um lado do legitimo orgulho nacional por espantosos progressos realisados apenas no discorrer de um seculo, de outro pela necessidade de sustentar e manter o preço d'essas conquistas que o menor desfallecimento, dada a acuidade da lucta, póde fazer periclitár.

«Este universal movimento, diz Tocqueville, reinante nos Estados-Unidos, estas viravoltas frequentes da fortuna, esta imprevista dislocação das riquezas publicas e privadas, tudo junta-se para entreter a alma em uma especie de agitação febril que admiravelmente a dispõe a todos os esforços e a mantém, por que digamos assim,

acima do nivel commum da humanidade. Para um americano, a vida inteira se passa como uma partida de jogo, um tempo de revolução, um dia de batalha. Estas mesmas causas, operando ao mesmo tempo sobre todos os individuos, acabam por impor uma feição irresistivel ao character nacional.»¹

Não valeram, porém, esses incentivos da pugna industrial, si as nações, descuradas de si, não procurassem tambem alentos novos e levantadas inspirações na consciencia do seu passado, da qual derivam a fé no seu futuro.

Dos meios a que pódem recorrer para trazer o espirito nacional sempre desperto, é dos principaes o estudo da historia patria, porque o conhecimento da patria é a base do patriotismo.

No Brazil esse estudo não é sòmente descurado, mas não existe, nunca existio, e a consequencia é a profunda ignorancia em que vivemos da nossa historia.

Na Allemanha, que é preciso citar sempre que se tratar de educação e, principalmente da educação como meio de desenvolver o senti-

¹ *Obra cit.*, pag. 429.

mento nacional e fortificar o patriotismo, na Allemanha o estudo da historia patria é feito desde a escola primaria até a universidade. E feito n'um alto espirito patriotico e como um meio pedagogico efficaz de educação nacional.

O já citado Sr. George Dumesnil, membro do alto ensino francez, enviado pelo seu governo em missão pedagogica official a Allemanha, diz: «É conhecido o admiravel partido que soube a Allemanha tirar da historia, no ponto de vista do ensino nacional e patriotico. Jahn, o *pae da gymnastica* na Allemanha, o qual logo após a derrota de Iena lhe preparara a desforra, podia dizer depois: a guerra da redempção.»— O dia 31 de Março (entrada dos aliados em Paris), o 18 de Junho (batalha de Waterloo, chamada na Prussia batalha da Bella-Alliança), e o 18 de Outubro (batalha de Leipzig) tornaram-se grandes dias da gymnastica. Em 1842, Fernando Stiehl, eminente pedagogogo prussiano, publicava em Coblantz, sob o titulo de: *O ensino nacional da historia em nossas escolas primarias*, os seguintes pensamentos: «O fim principal da historia é fundar e vivificar o sentimento nacional, o amor da patria, o patriotismo... É a vós, mestre-escolas, que incumbe

a missão de dar principios e forma aos sentimentos e á vida da geração que, depois de nós, vae ser o povo... Entendo por historia nacional, na escola primaria, o que é verdadeiramente nacional; assim, para nós outros rhenanos, não sómente a historia do Brandeburgo, mas a do Rheno, da Allemanha e da Prussia-Brandeburgo. Demais, não comprehendo o ensino da historia como uma nomenclatura, uma exposição nua e secca de nomes de principes, de guerras, de conquistas, etc.; quero que nos ponham no verdadeiro meio historico do povo, *communicando-nos os factos de uma época, os mais importantes documentos e os mais commoventes cantos nacionaes. Si quizermos despertar, pelo ensino da historia nacional, um amor consciente da patria e assegurar-lhe uma influencia sobre os sentimentos, sobre a vida nacional e a geração futura, faz-se mister banir da escola primaria o ensino que vae systematicamente para diante, paragrapho por paragrapho.*»¹

E Stiehl propunha o agrupamento das materias da historia nacional segundo um calenda-

¹ G. Dumesnil, *Obra cit.*, pag. 32.

rio patriótico, o que foi adoptado em 1854 pela reforma do ensino primario, na qual tomou parte o illustre pedagogo.

Aos dias nacionaes consagrados na epoca da reforma, vieram juntar-se outros como os das mais recentes victorias allemães, Sadowa, Gravelotte, etc. «O anniversario de Sedan, continua o Sr. Dumesnil, tornou-se o dia da verdadeira festa nacional e apagou as outras commemorações. Esse dia é celebrado na Prussia inteira não por lições particulares na classe, mas por ceremonias, discursos, exercicios gymnasticos, cantos e ferias em todos os estabelecimentos de instrucção publica. Em summa, o ensino historico é em todas as suas partes animado do mesmo espirito patriótico. O livro de leitura vem em auxilio do ensino historico propriamente dito e conta á criança as glorias de seu paiz e de seus principes. Sobretudo foi elle quem encarregou-se de realisar a parte mais bem ideada dos processos preconizados por Stiehl, a que põe ao alcance da criança *os mais commovedores cantos nacionaes.*»¹

¹ Dumesnil, *Obra cit.*, pag. 35.

Os cantos patrióticos, em que é tão rica a litteratura allemã, uns anonymos e verdadeiramente populares, outros de seus poetas, alguns illustres, coopera efficaamente no ensino historico, e tendo como vehiculo a musica, importante ramo da educação esthetica nas escolas allemãs, infiltra-se por assim dizer na alma popular, e n'ella grava indelevelmente o ensino didactico da historia patria.

E um regulamento official citado pelo Sr. Dumesnil, determina: «No ensino do canto far-se-á alternar os canticos e as canções populares. O fim é que cada escolar possa cantar com justeza e segurança não sómente em côro mas só, e que ao sair da escola, possua perfeitamente um numero sufficiente de canticos e cantos populares, e ache-se tanto quanto possivel penetrado do texto d'estes ultimos.»

No Brazil fôra acaso achado ridiculo o poder que introduzisse na escola os cantos populares, como parece merecer o menos preço dos graves prudhommes quem se occupa de estudal-os. ¹

¹ Sobre esta questão veja-se o interessante livrinho do Sr. Adolpho Coelho, *Os Elementos tradicionais da educação*, Porto.

Na Allemanha, entretanto, a Assembléa Geral dos mestre-escolas allemães, reunida em Brunswick em 1879, adoptava as seguintes proposições, aliás ali desde muito no dominio da pratica: «Os cantos nacionaes devem occupar uma grande parte nos programmas das escolas, e d'ellas passar ás familias e á vida. O canto faz parte integrante da educação nacional allemã. É preciso cultivar sobretudo (no estudo da musica) o canto popular allemão (das deutsch volkslied) a uma ou duas vozes.»¹

E este ensino historico que se faz pelo estudo directo da historia, pela commemoração escolar das grandes datas nacionaes e pelo canto patriotico, faz-se ainda durante o estudo da lingua desde o ensino primario elementar. «O livro de leitura, diz o autor citado falando do ensino da lingua allemã, traz já (na classe inferior) sua contribuição á historia e povôa o espirito da criança de anedoctas que esta porventura ouvio já na familia e que, por assim dizer, fará parte tão integrante de sua memoria que elle não se

¹ G. Jost, *Les Congres des Instituteurs allemands*, Paris, 1880, pag. 213.

recordará mais de tel-as aprendido. A seu turno passam ali Carlos Magno, Barbaroxa, Luthero, o velho Fritz, que depois de ter tão bem batido os francezes em Rosbach occupava-se em fazer ir as criancinhas á escola; da rainha Luiza, offendida por Napoleão; Blücher, o *marechal Para frente*, que a vinga e o imperador Guilherme, que torna-se em vida o heroe de um cyclo épico nacional.»¹

E este ensino da historia, cada vez mais desenvolvido, mais profundo, porém com o mesmo character patriotico, nacional, passa da escola primaria ao gymnasio e de lá ás universidades, essas grandes geradoras e mantenedoras do espirito nacional allemão. Na de Berlim, no semestre de verão de 1882, o programma do estudo da historia allemã occupou as seguintes materias:

Historia da Allemanha, desde o interregno até a Reforma:

Historia da arte allemã desde o XVI seculo até nossos dias;

Historia geographica da Allemanha;

*Historia da Prussia, de 1786 a 1815.*²

¹ Dumesnil, *Obra cit.*, pag. 54.

² L. P. Didon, *Obra cit.*, pag. 235.

No Brazil não temos ainda uma cadeira siquer de ensino superior da nossa historia!

Juntae a este estudo da historia nacional feito nos compendios escolares, feito no livro de leitura, feito nos cantos patrioticos, feito nos monumentos, nos museus, e em outros elementos suggestivos de educação intuitiva, as associações de estudantes e ex-estudantes formando um enorme laço de união entre todos os homens de letras do paiz, inspirados do mais ardente amor da patria, as sociedades de tiro, as sociedades gymnasticas com os seus 200 mil gymnastas, as sociedades de musica, os celebres choraes, que por toda a patria allemã vão entoando os *lieds* que cantam-lhe a gloria — e tereis a explicação da formação da unidade e da grandeza moral e material da Allemanha.

Em Berlim creou-se em 76 uma Galeria nacional de pintura, de character patriotico. Occupam-na principalmente as scenas dos combates dados pela Prussia desde 1864. «A arte dos pintores, diz o padre Didon, a quem tomamos estas informações, é ainda jovem; mas o amor da terra, o patriotismo no seu exclusivismo duro e com seus ares guerreiros parece ter empunhado os

pinceis. Eu mais observava os visitantes que admirava os artistas. A maior parte eram camponeses e provincianos. Com que ingenuidade pasmavam elles em frente d'essas batalhas de duvidosa arte! É assim que o povo se instrue: dae-lhe imagens, telas vivas onde se lhe depare a aureola de seus chefes victoriosos. Um grande pintor nacional, é um sublime mestre-escola. São os quadros um livro onde aquelles mesmos que não aprenderam pôdem ler; perpetuam, em uma forma tocante e popular, os heroes, os valentes que souberam vencer.»¹

Emquanto a Allemanha preparava assim pela organização mais sábia e mais completa da educação nacional as suas victorias e com ellas a sua hegemonia e unidade, a França do segundo imperio, n'isto, como no mais, desleixada e imprevidente, não sabia siquer o que era a educação civica. Entretanto, seus publicistas, melhor avisados que os seus estadistas, a reclamavam. «O bom senso, escrevia o eminente Sr. Gréard um dos homens a quem mais deve a França a sua regeneração pedagogica, reclama que ao res-

¹ *Obra cit.*, pag. 302.

peito das tradições nacionaes, que é a base do patriotismo esclarecido, junte-se no espirito das crianças chegadas ao uso da razão o conhecimento das leis geraes da vida publica de seu paiz.»¹ E, em antes, em 1868, traçava assim o programma do ensino da historia patria na escola primaria: « em historia, limitar-se aos traços essenciaes do desenvolvimento da nacionalidade franceza e procurar-lhe a continuidade menos na successão dos factos de guerra que no encadeamento logico das instituições e o progresso das idéas sociaes; em uma palavra, fazer da França o que da Humanidade diz Pascal, um grande ser que subsiste perpetuamente, e dar assim á criança uma idéa da patria, dos deveres que ella impõe e dos sacrificios que exige. . . »²

Só foi, porém, em 1882 que a educação civica e o ensino da historia entraram no systema geral da educação nacional franceza, tomando desde então um desenvolvimento extraordinario, desde o ensino primario até o superior, além dos outros elementos que superabundam em França, de educação patriótica.

¹ Oct. Gréard, *Education et Instruction*, Paris, 1887, I, pag. 341.

² *Ibid.*, pag. 88.

Não descuram tambem os Estados-Unidos a educação nacional, sabendo que a sua maravilhosa e invejada grandeza, em maxima parte lh'a devem. A historia patria é ali objecto de especial cuidado e amor. Nas escolas, collegios e universidades não se limitam somente a estudal-a sinão que estudam tambem a historia da sua constituição, além do estudo especial que d'esta fazem.

«Como o estudo da historia, diz o Sr. Hippeau, em principio quasi que exclusivamente abrange a dos Estados-Unidos, pôde ser tão completo quanto possivel, e as particularidades sobre as quaes insistem os mestres e os livros postos entre as mãos dos alumnos, têm por fim fazer conhecer os recursos financeiros, industriaes e commerciaes do paiz, suas producções e a excellencia de suas instituições politicas, tudo o que pôde enfim gravar no coração o amor da patria e uma illimitada confiança na grandeza de seus destinos. Os cantos com que resoam as escolas nos momentos consagrados ao estudo da musica, celebram os grandes acontecimentos dos Estados-Unidos e as acções generosas dos seus homens mais illustres.»¹

¹ C. Hippeau, *Obra cit.*, pag. 63.

Em uma das mais notáveis universidades americanas, a de Ann Arbor (Michigan), foi creado um museu patriótico reunindo «objectos que recordam os principaes acontecimentos historicos do paiz, na guerra ou na paz, e principalmente durante a ultima guerra civil.» E Hippeau informando, conta que um alumno mostrou-lhe «como uma preciosa reliquia um ramo de macieira, em baixo do qual achava-se o general Grant, quando o general Lee se lhe veio entregar.»

Um notavel educador americano, o Sr. John Swett, em um dos melhores livros de pedagogia pratica que conhecemos, assim recommenda seja dado o ensino da historia do seu paiz: «Chamae a attenção dos alumnos para o progresso da nação nas artes e nas sciencias; para as grandes invenções e descobertas que tem sido feitas; para tudo que tenha melhorado a condição do povo. Fazei-lhes perceber que, embora não seja a historia em summa sinão um registro de factos e conquistadores, todavia a paz tem suas victorias não menos memoraveis que as da guerra, e que a mais gloriosa victoria da guerra é a que estabelece uma paz honrosa.»¹

¹ *Methods of teaching*, New-York, 1886, pag. 166.

Referindo-se a esta ordem do ensino na Republica Argentina, assim se expressa o Sr. Hippéau:

«No programma do ensino das sciencias moraes, ha tres cursos que com muita felicidade completam a educação dos jovens collegiaes; a historia da Republica Argentina, o curso de instrucção civica e o de economia politica, tres ordens de conhecimentos que essencialmente lhes convêm, pois que são chamados a tornarem-se cidadãos de um paiz livre. Têm necessidade de saber como e em consequencia de que acontecimentos desenvolveu-se a sociedade argentina; como tirou ella partido dos recursos que offerece-lhe o seu territorio, como si crearam os seus estabelecimentos agricolas, suas manufacturas, seus entrepostos como, enfim, formaram-se suas relações commerciaes com os outros Estados. Pelo succinto resumo que fiz da historia dos estados do Prata, póde ver-se quanto póde ella interessar á mocidade quando este ensino é confiado a um professor instruido e profundamente penetrado dos sentimentos que inspira a um filho d'este bello paiz o quadro de suas luctas e de seus soffrimentos, seguidos do glorioso trium-

pho que assegura para sempre sua independencia.»

No defeituosissimo systema da instrucção publica do Brazil, a historia patria foi não só descurada, mas pôde-se dizer não existe, sinão nos programmas, si programmas se pôde chamar a esses simples rôes de materias que são um artigo das nossas leis de ensino.

A historia nacional entre nós foi tão prodigiosamente despresada que, excepção feita da obra valiosissima do Visconde de Porto Seguro, cuja primeira edição é de 1854-57 e a segunda — e ultima — de 1877, é com os estrangeiros que teremos de ir aprender a historia do nosso paiz! A primeira grande historia do Brazil que tivemos desde que fomos uma nação foi a do inglez Roberto Southey, poeta laureado. Quem são os autores da historia do Brazil? São estrangeiros, o citado Southey, e Beauchamp e Constancio e Grant e Henderson e Ferdinand Denis e Warden e Armitage e outros.

Brazileira apenas temos a alludida *Historia*

¹ *L'Instruction publique dans la Republique Argentine*, Paris, pag. 222.

geral do Brazil. O mais, ou são resumos mais ou menos disfarçados d'ella, ou lições, compendios, elementos — a maior parte dos quaes sem grande valor pedagogico.

Este facto é só por si caracteristico e dispensaria quiçá mais longos commentarios.

Os rarissimos trabalhos especiaes sobre este ou aquelle ponto da nossa historia, não chegam ao grande publico. São ainda mais raras as provincias que possuam trabalhos especiaes sobre a sua historia particular, e esses tambem, quando acaso existam, ficam ignorados. Uma associação especial para estudar a historia patria, o Instituto historico e geographico brasileiro, apesar da singular protecção que lhe dispensou sempre o ex-Imperador, apenas tem-se podido manter. E são entretanto, preciosissimos os 50 e tantos tomos da sua *Revista*, pelos materiaes que contém — memorias, chronicas e outros documentos e ineditos antigos. Mas essa *Revista* mesma é desconhecida no Brazil, apezar da excessiva barateza do seu custo. Lembro-me que entrando pela primeira vez n'um estabelecimento que aqui temos condecorado com o nome de Bibliotheca Publica, e pedindo ao empregado, ajudante do biblio-

thecario, um dos tomos da *Revista do Instituto Historico Brasileiro* elle perguntou-me ingenuamente si era em francez ou portuguez! Em Pernambuco, terceira cidade do paiz, existe tambem um Instituto historico que aliás, como a mulher de Cesar, não dá que falar de si, e o qual tambem publica intermittenemente uma *Revista*, ainda menos conhecida que aquella. Nas Alagoas, sei tambem, vegeta um instituto analogo que, si faz historia, tem a felicidade de não tel-a. Ignoro si publica algum órgão seu.

Eis o que é o alto estudo da historia do Brazil no Brazil. O povo tambem indifferente a si mesmo e á patria não dá por isso, e eu certamente não erro assegurando que não ha talvez no Brazil um milheiro de pessoas que saibam das instituições citadas.

A nossa litteratura historica é nulla. Como já disse, apenas possuímos, escripta por nacional, uma historia geral do paiz, que mereça citada. Os trabalhos historicos parciaes, contam-se; e os raros feitos, publicados nas obscuras revistas d'aquelles raros e pobres institutos sem onus para os autores, rarissimamente são editados em livros, para assim ganharem mais ampla publicidade.

O ensino da historia patria, além de escassissimamente feito, é pessimamente dado. Os compendios, insisto, são em geral despidos de qualquer merecimento didactico. São pesados, indigestos e mal escriptos.

Para o ensino primario os poucos que ha são inspirados na velha pedagogia jesuitica das perguntas e respostas, e limitam-se a uma enfadonha e estúpida nomenclatura de governadores, de reis, de capitães-móres ou de factos aridos de nenhum modo uteis ao ensino primario da historia patria. Na escola primaria afôra a decoração e bruta repetição d'esses pessimos compendios, nada mais auxilia e completa o estudo da historia nacional. O mestre, que as mais das vezes a ignora, e que em geral é pouco zeloso, limita-se a *tomar a lição*, isto é, a fazer ao menino as perguntas indicadas no compendio, e a exigir d'elles a resposta. Não ha uma explicação, não ha uma lição oral, um trabalho de composição sobre a historia patria. *Tomada a lição* está satisfeita a obrigação official, quando a não descuram de todo, que é o que mais vezes acontece.

O livro de leitura tambem não fala da patria, nem se occupa da sua historia. Um facto que

efficazmente revela a nossa desestima pela historia patria é que no ensino secundario ha apenas algum tempo, tres ou quatro annos, a historia do Brazil entrou a fazer separadamente parte dos programmas. Até então era conjunctamente estudada com a historia universal, e como geralmente se começava pela historia antiga, e d'ella passava-se á da idade média e d'esta á moderna, quando encetava-se a do Brazil faltava apenas um ou dous mezes quando não sómente alguns dias para os exames. Sendo raro que o preparatorio quizesse empregar no estudo da historia geral, comprehendida a do Brazil, mais de um anno, póde-se só por esta simples e veridica exposição imaginar o que elle saberia da historia do seu paiz e de que proveito lhe seria esse estudo que realmente não fez.

Não ha falar no ensino superior da historia do Brazil, porque o não temos.

Tal é, em toda a verdade, entre nós o estudo da historia patria. Acrescente-se a isto que não temos nenhuma especie de publicação periodica que de quando em quando trate d'ella, que a nossa imprensa apenas faz politica, aluga as columnas para as descomposturas ou dá noticias

do estrangeiro, que não possuímos museus historicos, nem monumentos, nem estatuas, nem memorias, nem as commemorações patrioticas das épocas gloriosas ou felizes da nossa historia — e tereis achado uma das causas da nossa profunda e completa e vergonhosa ignorancia da historia patria e, assim, uma das causas da falta do sentimento nacional no Brazil.

O remedio a este mal, que cumpre sem adiamento combater e aniquilar, é trabalharmos desveladamente e seriamente na reforma d'este ponto da nossa instrucção publica.

É indispensavel que a historia patria tenha um lugar de honra no ensino primario, e que ahi seja feita não broncamente e excepcionalmente como até aqui, mas intelligente e systematicamente, consoante os principios, dos quaes nas citações atrás feitas foram notados alguns, que dominam não só nos mais bem surtidos mestres da pedagogia contemporanea, sinão na pratica dos paizes n'este ponto mais adiantados. Todo ensino tem um fim — o da historia patria é darnos pelo conhecimento da origem commum, das difficuldades em commum soffridas e em commum vencidas, da marcha e evolução dos mes-

mos costumes, das mesmas leis e da mesma organização, dos progressos custosa, lenta, mas seguramente adquiridos, a noção exacta da solidariedade nacional, e com ella o amor da pátria que nos legaram os nossos antepassados e o desejo firme de continual-os, para legal-a ás gerações vindouras successivamente melhorada.

Na escola primaria este ensino pôde começar desde o segundo livro de leitura pelo menos. É preciso que o livro de leitura entre nós se reforme completamente e que sobre tudo fale do Brazil e de nossas cousas. Os primeiros livros devem conter contos e cantos populares e pequenas historias em que se reflecta a nossa vida e os nossos costumes. Só assim interessarão a criança. Entremeiados com estes assumptos virão pequenas scenas da historia patria mesmo legendarias. A historia do Caramurú, por exemplo, sendo falsa ensina entretanto a criança que eram selvagens os primitivos habitantes do Brazil, que devoravam os seus prisioneiros e que não conheciam o uso da polvora. Um resumo bem feito da candidã narração de Caminha a D. Manuel sobre os gestos dos selvagens, perante os portuezes da armada de Cabral, cuida eu que se

gravará na memoria, fará trabalhar as imaginações dos jovens ouvintes e será uma excellente lição da ethnographia patria. O facto de Armador Bueno, alguns episodios dos bandeirantes, a vida dos primitivos colonos, a descripção de uma missão, as biographias dos homens notaveis — eis outros tantos quadros proprios para, mediante o livro de leitura, ensinar, e bem, a historia patria.

A narração d'estes factos ir-se-á paulatinamente desenvolvendo nos successivos livros de leitura, que poderão tambem conter extractos de alguns chronistas, adequada a linguagem á intelligencia dos escolares, e versos de poetas brasileiros sobre feitos da historia patria.

O compendio especial da historia do Brazil, virá completar e systematisar esse ensino, já nas classes superiores da escola. Lida por cada um ou pela maior parte dos alumnos a lição e lida como si se tratasse de uma lição de leitura expressiva, o professor chamará a attenção para os factos que convém aprender de cór, escolherá os factos principaes e os porá em evidencia; procurará que os alumnos lhes descubram as causas e lhes deduzam os effeitos; não ligará muita im-

portancia ás datas, sinão ás dos grandes acontecimentos, e apenas como meio de evitar anachronismos; fará um estudo particular da historia do Estado em que estiverem; dará curta e precisa noticia biographica dos homens notaveis indicando os serviços que prestaram ao paiz, terá em vista que a comprehensão dos grandes factos historicos, suas causas, resultados, relações, é mais importante do que a decoração material de algumas paginas do compendio; exigirá que os alumnos procurem libertar-se da repetição servil das palavras do livro; supprirá a secura da narração do compendio com anedôctas, incidentes, historias assás caracteristicas para pintar uma epoca ou desenhar um character; insistirá sobre os progressos feitos comparando sempre factos do passado, já estudados, com o presente; sem cair na tagarelice procurará falar sempre da patria e apreciar os seus factos historicos com calor, com um enthusiasmo de bom gosto e sincero, de modo a despertar nas crianças uma commoção benefica, o amor da patria e o orgulho da sua futura grandeza. ¹

¹ V. Swett, *Obra cit.*, pag. 164-167.

Conviria muitissimo que o livro de leitura, como o compendio, fossem illustrados, como seria de grande alcance, ao menos para as classes infantis, possuir a escola uma collecção de gravuras historicas que commentadas em classe seriam a melhor e a mais gostosamente aprendida das lições.

Mas quando teremos nós semelhantes estampas?!

Como adjectorio a este estudo feito na estampa, no livro de leitura, no compendio de historia e na lição oral do mestre, parece-me seria grandemente apreciavel a imitação do systema allemão da commemoração das datas celebres da historia patria. Organizado um calendario patriotico, o mestre poderia por meio de uma pequena narração celebrar esse dia, e na vespera d'aquelles que são feriados, e que são os maiores dias da patria, na ultima hora, expor aos alumnos os motivos que os tornam dignos d'essa consagração, fazendo-lhes uma especie de lição complementar sobre elles.

O ensino secundario no Brazil feito exclusivamente em vista de obter matricula nos cursos superiores, é entre nós tão irracional e grosseira-

mente organizado que, a menos de suppor-lhe uma reforma radical e completa, não é possível estabelecer esperanças sobre elle.

Já dissemos como é ahí precipitadamente feito o estudo da historia patria que, com o da corographia do paiz, que lhe é annexa, raro toma mais de um anno. Si ao menos durante o curso primario a tivesse o menino aprendido, não seria tamanho o mal; a verdade, porém, é que, a despeito dos programmas, é rara a escola em que ella se dá, e quando isso acontece é de modo tal que melhor valera não dal-a.

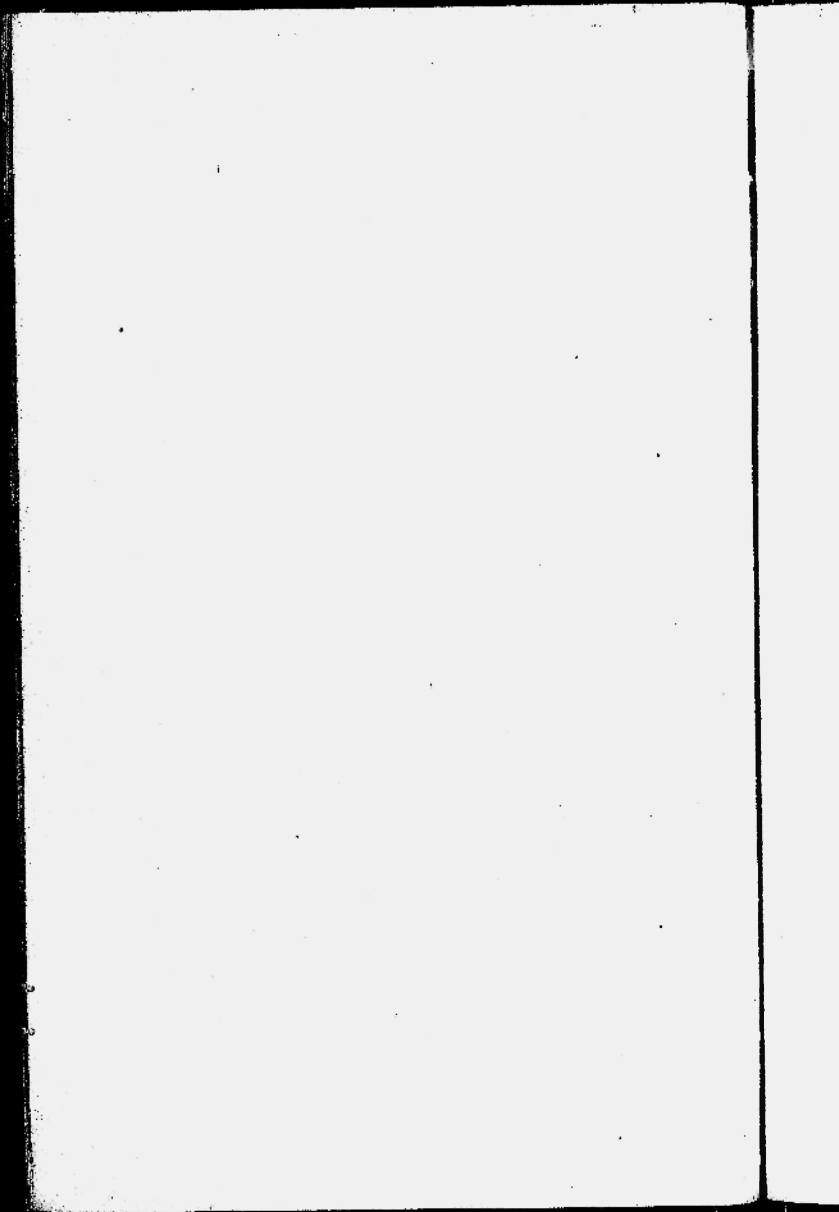
Não possuímos como fica dito, nenhuma cadeira de ensino superior da nossa historia e nas escolas de direito não ha ao menos uma da historia da legislação colonial ou em geral da historia da legislação ou direito nacional. O Brazil está reclamando a creação de algum instituto de ensino superior, fóra das especialidades da medicina, do direito ou da engenharia. N'essa futura escola, a historia do Brazil deve ter pelo menos uma cadeira.

Um esclarecido pensador italiano, e efficaz cooperador na obra da restauração da Italia, obra que muito, sinão tudo, deve á educação na-

cional e principalmente ao estudo da historia, reflecte ponderosamente: «Tornando-se Sciencia, a Historia torna-se ao mesmo tempo um estudo pratico, e faz-se não só a sciencia do estadista, mas de todo o perfeito cidadão, porque em um paiz livre cada cidadão deve ser homem de estado nos limites de sua actividade.»¹



¹ Nicolo Marselli, *La Scienza della Storia*, Torino, 1885, I, pag. 390.





VII

BRAZIL E ESTADOS-UNIDOS

QUITO é o que havemos a aprender e mesmo a imitar dos Estados-Unidos, mas que isto nos não induza a pormos simplesmente a copial-os.

Excusa alongar-nos sobre a nossa mania de imitação. A alcunha de macacos com que nos condecoram alguns povos irmãos ou amigos, bem póde ser uma referencia topographicamente zoologica, mas calharia tambem si alludisse ao nosso pronunciado e nem sempre bem inspirado gosto das cousas exoticas.

Sabe-se até que extremo levamos a copia das modas, dos usos, da litteratura e dos costumes

francezes. A politica era á Inglaterra que arremedava; os usos e tradições e historia politica da grande nação parlamentar nunca foram em parte nenhuma tão citados como em o nosso parlamento. A pratica sabemos nós todos qual era. Actualmente sente-se já que é a grande republica norte-americana que nos irá servir de modelo.

Não tenho a estulticia de pretender possa o Brazil bastar-se a si mesmo. Sei que os povos, ainda os mais fundamentalmente originaes, não se desenvolveram e prosperaram sem um escambo não só de productos, sinão de idéas, de creações, de invenções, de instituições e até de costumes. O que importa, porém, para conservar á patria a sua integridade moral e dar-lhe um character que a distinga na Humanidade e na Historia, é que essa troca se faça sempre sem prejuizo do seu individualismo nem sacrificio das modalidades especiaes ao seu character nacional.

Portanto, insto, nos devemos penetrar d'esta idéa, que tendo muito a aprender dos Estados-Unidos, não devemos por-nos simplesmente a maçaqueal-os irreflectidamente. E a elles especialmente me refiro porque, repito, sente-se que

elles são quem nos vae servir de modelo. É preciso não confundir a adaptação intelligente, a assimilação perfeita, com a copia servil ou o arremedo grotesco.

Sejamos brasileiros e não *yankces*.

Eu, confesso, não tenho pela desmarcada e apregoadissima civilização americana, sinão uma mediocre inveja. E no fundo do meu coração de brasileiro alguma cousa ha que desdenha d'aquella nação tão excessivamente pratica, tão colossalmente egoista e tão eminentemente, perdoem-me a expressão, *strugforlifista*. Essa civilização sobretudo material, commercial, arrogante e reclamista, não a nego grande; admiro-a, mas não a estimo. Esse paiz novo, onde ha fortunas que fazem fantasticas as lendarias riquezas dos nababos, quando o proletariado já se lobriga através de uma grandeza desmedida, offende a minha simpleza de matuto chão e honesto. Essa politica cruel que veda a um povo a entrada do paiz, persegue-o e lyncha-o; que massacra toda uma raça; que tem uma habilidade especial para adestrar cães contra outra e que, de Biblia na mão, discute, justifica, applaude e exalta a escravidão, fere de frente a idéa que da equidade e

da justiça tenho. Aquella corrupção politica que tanto impressionou Spencer e a quantos publicistas têm visitado e estudado os Estados-Unidos, repugna ao meu senso moral. Aquelle pufismo, aquella charlatanice do jornalismo, com seus titulos enormes, extravagantes, mentirosos, de um *reclame* desfaçado e insolente, escandalizam a minha probidade litteraria. Aquella supremacia brutal das massas, aquelle reino absoluto do numero, revoltam a minha liberdade espirital.

Não é a mera satisfação de revelar o meu sentimento sobre alguns aspectos da republica que todos admiram, que todos invejam e que todos exalçam, que me faz assim escrever. É unicamente porque, parece-me, este sentimento é natural em todo o brasileiro. São estes antagonismos nacionaes, e não antipathias nacionaes, que fazem a cada povo uma especie de linha divisoria que o distingue e differença.

Admiro grandemente aquelle egregio povo, mas não o invejo e sobretudo — e isto é para nós o principal — não creio applicavel utilmente ao Brazil, quanto lhe fez o progresso admiravel, nem quanto os desvanece a elles mesmos.

Tal progresso e taes grandezas são, além de tudo, as resultantes de causas que nos falharam a nós e que, portanto, a simples vontade humana, ou meros actos de governos, são impotentes para crear.

Profundas e radicaes são as diferenças que aos dous paizes distinguem e separam.

Clima, raça, situação geographica, origem historica, elementos de colonisação, instituições fundamentaes, tudo é ali diverso do nosso.

A sua posição geographica pol-os mais perto da Europa e portanto facilitou-lhes as estreitas communicações com o fóco do progresso e da civilisação moderna. O paiz de origem, consideravelmente mais povoado que Portugal, pôde fornecer grandes contingentes de immigrantes a quem eram tambem mais duras as condições da vida na Inglaterra do que aos portuguezes na sua patria, apesar de pobre. Povoado por povos de raça saxonica, attrahia não só os filhos da mãe patria como os da mesma raça. De 1878 a 1887, para citar um exemplo que podia facilmente mediante as estatisticas ser repetido, receberam os Estados-Unidos apenas 161.748 imigrantes da Inglaterra contra 214.759 da Allemanha (106.865)

da Suecia e Noruega, da Dinamarca e da Austria. ¹

A abundancia de terras é a maior abundancia de immigração, como o reconhecem os mesmos americanos ² bastam, até certo ponto, para explicar esse prodigioso exemplo de rapidissimo progresso. N'elle teve influencia poderosissima e só inferior á d'aquelles dous factores, a raça. A prova ahi a dão o Canadá e a Australia, que apesar de se acharem em muito peiores condições de clima, e a Australia de posição geographica tambem, sem estorvo de serem meras colonias, offerecem ao observador uma marcha progressiva perfeitamente comparavel á da grande republica.

Como já n'este livro dissemos, a nação portugueza esgotava-se depois dos ingentes trabalhos da conquista d'Africa, da India e do mar, quando começou a colonisação do Brazil. Raça minguada, sinão de espiritos, de gente, ella não se pode por assim dizer refazer-se em si mesma

¹ *The Statesman's Year-book for 1888*, London, 1888, pag. 691.

² V. *America's Land Question* in *The North American Review*, n.º 351, Fevereiro de 1886.

e foi o seu organismo fatigado, exaustão, *surme-ne*, que veio n'um meio physico ainda mais debilitante (lembrar que a colonisação se fez principalmente de S. Paulo para o N. e no littoral, sendo da Bahia a Pernambuco o seu centro) crear uma outra nação.

Estas são as causas physicas, materiaes direi, que, como salta aos olhos, poderosamente concorreram para o espantoso desenvolvimento da União americana, que nos maravilha e causa inveja a nós povo fraco, sentimental, idealista, incoherente — mas bom.

Comparemos agora as origens historicas, os elementos de colonisação e as instituições fundamentaes dos dous paizes, e veremos que a differença cava-se ainda mais.

Não terá talvez toda razão um notabilissimo economista italiano quando affirma que «eram tão alevantadas e nobres as razões que trouxeram á America os anglo-saxões, quanto vis os motivos que para cá dirigiram hespanhoes e portuguezes.»¹ É entretanto fóra de duvida que

¹ Attilio Brunialti, *Gli Stati Uniti di Colombia in Nuova Antologia*, vol. XI, pag. 100.

é quasi incommensuravel a distancia entre aquelles que

So color de religion
Van a buscar plata y oro
Del encubierto tesoro

como diz Lope de Vega, e os puritanos que na prohibidade da sua fé, na austeridade dos seus costumes, na inteireza de suas crenças preferem o exodo a renegar os sentimentos e a pratica de sua religião, e vêm plantar na America, em severas colonias agricolas, a semente fecunda da liberdade e da consciencia do direito.

Oh, certo, tem razão o citado pensador italiano quando ajunta que «na vida das nações o peccado original não o apaga nem o baptismo de sangue; é preciso que, como nas nações europeas, o encubram as nevoas da mythologia prehistorica.» Nós soffremos ainda d'esse peccado aggravado por outro acaso maior por mais consciente, a escravidão; mas esse tambem o commetteram aquelles puritanos, quiçá com mais crueldade, e a esses não foi Jahvê tão innexora

vel e tão duro... Porém, e perdoem-me esta nota de scepticismo, n'um livro que deve ser todo fé, todo esperança, « assim é a justiça de Jahvé, o mundo pertence a quem lhe praz... »¹

Sómente a resolução de deixar a patria para não sujeitar-se a nenhuma tyrannia politica ou religiosa, revê o valor moral d'aquelles homens. Além d'essa austera e corajosa virtude, « traziam comsigo, conforme conceitua um dos mestres contemporaneos do pensamento italiano, Pascual Villari, a igualdade das condições sociaes e a igualdade da intelligencia, d'onde devia sair a republica democratica. »² A Tocqueville, o homem que mais profundamente estudou o problema americano, parecia-lhe ver todo o destino da America no primeiro puritano que abordou ás suas plagas, como toda a raça humana no primeiro homem.³ E Villari pensa que todas as leis, toda a fortuna não teriam de nada servido, sem aquelle character a um tempo democratico e

¹ E. Renan.

² *La Costituzione degli Stati Uniti d'America in Nuova Antologia*, vol. XXIII, pag. 419.

³ *Obra cit.*, tome II, pag. 199.

conservador, irrequieto, emprehendedor e religioso, amigo do progresso e da ordem.»

Si hoje, ainda os escriptores mais admiradores e amigos d'aquella nação, têm de misturar aos seus elogios criticas acerbas e crueis revelações, nada porventura haveria sinão admirar no periodo da sua constituição. E esse periodo é, talvez, o mais importante e decisivo na historia das nações. Pensando acaso n'aquelles heroicos e modestos puritanos, escreveu Renan: «Para um povo, como para o individuo, o essencial é ter um ideal depós si.»¹ Esse ideal tiveram-no os americanos sempre presente e é com certeza ainda elle quem hoje, no meio de tão descontraídos elementos e tanto relaxamento dos costumes politicos, sustenta e dá vigor ás grandes forças conservadoras e honestas que encerra a republica.

A consciencia do direito revoltada, foi ainda quem fez a independencia americana, como fôra ella quem fizera aquellas florentissimas treze colonias. Nem uma nação ou governo dos moder-

¹ E. Renan, *Histoire du Peuple d'Israel*, Paris, 1887, tom. I, pag. 61.

namente feitos, assenta talvez em bases tão completamente sãs, justas e honradas como os Estados-Unidos, como nem uma se póde com tanta justiça desvanecer e gloriar da sua independencia. Si, contra o asserto de Renan, ha historia pura, essa é a das origens nacionaes da grande republica americana.

Não é azado o lugar de repetir essa historia, que não honra sómente áquelle povo, mas a Humanidade. Todavia, não será porventura inutil relembrar de relance alguns factos, que só por si nos desenhm qual a inspiração superiormente patriótica que á revolução americana dirigio e rematou.

Foi esta conquista do elemento popular na sua lucta primeiro com a nobreza, depois com a monarchia, atravéz da idade-média e dos primeiros seculos dos tempos modernos:— que não deve pagar impostos quem os não vota— principio fecundo que fez da democracia não uma aspiração mas um facto, a origem da insurreição que, mediante a revolução armada e combatente, fundou a independencia dos Estados-Unidos. Eram então só treze os estados, que no principio apenas descontentes pela criação de impos-

tos de importação, depois irritados pelo imposto do sello representaram ao rei, forçando-o pela sua attitude energica e resoluta a mudar de ministerio. Entretanto, abolidos estes impostos, a Inglaterra, por um *bill* posterior, reconhecia expressamente ao Parlamento o direito de taxar as colonias, direito de que elle usou lançando imposto sobre varias mercadorias por aquellas importadas. Publicados nos jornaes americanos tarjados de luto estes *bills* indignaram e levantaram doze d'aquellas colonias que pelos seus deputados reunidos em Philadelphia resolveram não deixar penetrar no paiz nenhum producto de procedencia ingleza, e lavraram com a narrativa dos vexames soffridos e com os seus protestos, a celebre declaração dos direitos que precedeu de um lustro a famosissima declaração dos direitos do homem feita pela revolução franceza.

No deputation, no taxation, foi o lemma activo da revolta e, note-se bem, tão acatado, que luctando com as maximas difficuldades financeiras o congresso não atraveu-se a lançar impostos reconhecendo que só ás assembléas provinciaes assistia tal direito, e limitou-se a emitir papel-moeda. Um governo que assim começa,

sagrando-se pelo austero respeito da lei e do direito, e não inventa as chapas sempre promptas para a mystificação de todos os princípios, qual o safado *cliché* das *epocas anormaes*, dá logo a medida do que será a futura republica.

A guerra está finda. A independencia foi declarada pelo mais bello manifesto que jamais homens redigiram. «Não era a liberdade tempestuosa de Roma e Grecia que reivindicavam, nem tão pouco o privilegio de alguns patricios; era a prosperidade de todos. Confiam na liberdade, fonte dos bons conselhos e mãe dos grandes homens.» Os representantes dos Estados-Unidos da America, reunidos em congresso, «tomando por testemunha o Juiz Supremo do universo da inteireza de suas intenções, em nome e pela autoridade do bom povo d'aquellas colonias, solememente publicam e declaram que essas colonias unidas são e devem ser de direito estados livres e independentes... E firmemente descansando na protecção da providencia divina, empenham mutuamente, para sustentar a sua declaração, suas vidas, sua fazenda e sua honra.»

Firmada a republica decretou o Congresso a dissolução do exercito que conquistara a inde-

pendencia da nação, e cujos soldos muito tempo havia não tinham sido pagos por carencia de recursos. Esta ordem soffreu primeiro uma ligeira opposição, querendo o exercito receber o seu soldo antes de dissolver-se. Washington, porém, reúne os officiaes, faz-lhes sentir o crime de não obedecer ás ordens do Congresso, representante da nação soberana. Entrados promptamente no dever, o mesmo Washington reunio o exercito e o licenciou. E aquelles heroicos soldados que, soffrendo todas as privações e fadigas tinham em sete campanhas consecutivas, com sacrificio das suas vidas e de seu sangue, feito a independencia da patria, não a chamaram ingrata, e retiraram-se tranquillamente á gloriosa obscuridade do doce lar anglo-americano.

No seio d'aquelle mesmo exercito tinha antes apparecido a idéa de confiar a Washington a dictadura. A resposta do excelso patriota foi feita em termos que, como diz um historiador, não seria nunca demasiado repetir:

«Com um mixto de surpresa e de dor li os pensamentos que me communicastes. Ficae certos, que no decurso d'esta guerra nenhum acontecimento me affligio tanto como saber de vós

que semelhantes idéas correm no exercito. Devo-as encarar com horror e condemnal-as severamente. Por agora ficarão ellas sepultadas no meu coração, contanto que novas manifestações não tornem necessario revelal-as. Em vão rebusco no meu procedimento, o que pode aco-roçar uma proposição que a mim parece-me encerrar as maiores desgraças que sobre o paiz poderiam cair. Si me não illudo, não podieis achar ninguem, a quem fossem mais desagradaveis os vossos planos.»

Um povo que tem este ideal no seu passado, tem d'onde tirar o orgulho nacional que lhe dará a confiança de si mesmo, ao passo que lhe alen-tará a energia. Pôdem vir os elementos pertur-badores da colossal immigração, o mercantilismo pôde-se desenvolver, a execravel sêde do ouro pôde crear as riquezas sobrehumanas e poster-gar o velho espirito puritano, honesto, altivo, tra-balhador, austero — a nação tem solida base, aquelle ideal ali está a aconselhar a reacção e ella se fará, salvando a obra de Washington. Custa muito rebaixar-se, quem possui taes titulos de nobreza.

Certo não é menos nobre o motivo que deu

lugar á separação e independencia do Brazil de Portugal. A estulta tentativa de recolonisação do Brazil pelas Côrtes de 1820, foi a causa da nossa independencia, causa nobilissima entre todas. Mas é doloroso ao brasileiro assentir que profundamente aulico foi o pensamento politico que a incitou e o movimento que a fez. Sem embargo do minguido partido da independencia existente no Rio de Janeiro, o povo brasileiro ficou a ella estranho e indifferente, e provincias houve, como a nossa, onde foi á força imposta, isso quasi um anno depois de proclamada. O mesmo pensamento dynastico que ao principe, ao depois Pedro I, suggerio o solerte D. João VI, e que principalmente o guiou na conjunctura provocada pelas ordens das Côrtes, desmerece de muito o merecimento do seu principal fautor. D'essa preocupação originam-se talvez os erros que depois commetteu como imperador, erros que desde a dissolução da Constituinte, levaram-no ao 7 de Abril.

A historia se repete, como querem alguns pensadores? Seriam os homochronismos porventura uma lei sociologica ou acaso mero encontro fortuito de acontecimentos? Valera talvez a pena

estudar o problema na historia do Brazil. Quando estas linhas escrevo sopra um vento de dissolução prévia de uma Constituinte solemnemente promettida, convocada e decretada, substituido o *referendum* das Camaras Municipaes de Pedro I pelo *plebiscito* da Republica. Não se repita a historia até o fim, que a Republica não tenha o seu 7 de Abril. . . . Aos consules incumbe acautelarem-se, á Republica não, essa tem por si o mais forte dos sustentaculos, a sua razão de ser historica.

A pequena e curta lucta, não tanto pela independencia já feita, mas contra elementos a ella insurrecionalmente contrarios, foi sómente no Rio e na Bahia; o resto do paiz ficou — pelos motivos indicados na introduccão — alheio a sua mais importante e decisiva evolução.

Esse passado nunca chegou a ser uma tradição consagrada e querida da nação, e muito menos poude ser um ideal. O fautor da nossa independencia o expulsamos, por tentar comprimir as nossas liberdades; o da independencia americana, como os lendarios heroes romanos, entregando á nação o poder que d'ella recebera, novo Cincinato voltou, coberto de glorias e de benções,

á sua familia e á sua lavoura. O nosso siquer o conhecemos, Washington é, na eloquente fraze de Castelar, venerado com amoroso acatamento no seio de todas as familias.

Entre as primitivas instituições de ambos os povos, existe tambem differença profunda. Saidos da ferrenha, si bem que por vezes esclarecida, legislação portugueza, legislação de uma monarchia que mediante D. João II, chegava com D. João III ao apogéo do absolutismo e cujo character intolerante se singularisava na parte respectiva ao Brazil, nós entramos em um regimem directamente filho do philosophismo francez do seculo XVIII e da mesma Revolução. Á nossa Constituição, inspirou-a aquelle espirito e, tirante os processos por que os dous poderes legislativo e judiciario eram pelos outros sophismados, podera acaso servir ao mais democratico dos estados hodiernos.

Ao envéz procederam os americanos. O citado escriptor italiano reflecte que entre os varios elementos de que se formou a Constituição americana, cumpre antes de tudo considerar as instituições e as leis que ás colonias dera a Inglaterra, « ás quaes os americanos se conformaram

o mais que poderam.» D'essa Constituição, e n'isto são accordes os pensadores que a tem estudado, as partes mais bem vindas são justamente aquellas que desenvolveram-se das instituições preexistentes, as creadas de raiz pelos fautores da Constituição, repetidas vezes falharam o seu intento. «A natureza, isto é, a lei historica de evolução, escreve o professor de Oxford, James Bryce, cuja obra, *The American Commonwealth*, analisa Villari, n'este caso, como sempre, revelou-se mais sabia que o mais sabio philosopho. O espirito conservador e tradicional que herdaram os americanos da Inglaterra, levou-os não só a respeitar o passado mas a constantemente recorrer, como a um modelo, á Constituição e ás leis inglezas, das quaes eram as suas derivadas.»¹ Das idéas francezas não tomaram mais que o espirito moderno, necessario para caracterisar a Constituição, e o conceito de Montesquieu, fundamento e garantia das liberdades e principio da divisão dos poderes: O poder retém o poder.²

¹ *Obra cit.*, pag. 419.

² *Idem.*, pag. 420.

O mesmo metaphysico dogma da soberania popular que foi a base da nossa Constituição, não obstante a sua origem dynastica, e que é a alma, diga-se assim, da Constituição americana, existia já, conforme o demonstrou Tocqueville, na sociedade americana muito antes da independencia. ¹ Assim as communas, assim a policia, assim o poder judiciario, todas as instituições politicas em summa, são nos Estados-Unidos, pelas origens como pelo espirito, pelo caracter e pela organização, profundamente divergentes das nossas.

Estas diversidades essenciaes aos dous países, á sua situação geographica como á sua situação historica, ao seu passado como ao seu presente, á sua raça, ás suas instituições, aos seus costumes — precisamos ponderar, para não nos permos, levados pela nossa notoria tendencia imitativa, a copiar desageitadamente instituições e habitos que repugnem ao nosso temperamento nacional.

Não nos illudamos tambem sobre os Estados-Unidos. Nem tudo ali, já o deixamos perceber, é grandioso e admiravel. N'aquelle maravi-

¹ *Obra cit.*, tome I, chap. IV.

lhoso quadro ha sombras, e no sol da America, como no sol do nosso mundo, ha manchas.

Si no seu tempo poude Tocqueville com verdade dizer que ali eram os pobres que governavam, bem mudados estão hoje os costumes. Os ricos que quando elle estudava, sabe-se com que perspicuidade, a grande republica, escasseavam, hoje abundam e dominam. Os *rings*, especie de syndicatos politicos organizados para a exploração systematica da coisa publica, fazem concorrência ás emprezas monumentaes da sua civilização sobretudo industrial. A politica é despejada de escrupulos, e talvez como nenhuma sem coração e sem fé. É com singular unanimidade que o reconhecem quantos hão estudado as cousas americanas. A vida politica brasileira, por honra e felicidade nossa, ainda não attingio o gráo de torpeza de que geralmente se accusa a americana, mas de desmazelo em desmazelo, de relaxação em relaxação, ella irá perdendo o pouco senso moral que ainda lhe resta e, si não avisarmos, cairá ainda mais embaixo. É força reconhecer, com os mais imparciaes e atilados pensadores, que essa degradação politica é um dos perigos da democracia. Estas palavras com que Pascual

Villari a ella se refere, concluindo o artigo que temos citado, merecem meditadas por nós brasileiros. Para nós tambem, são um util conselho: «Esperemos que a actual corrupção politica americana, originada principalmente dos dous partidos, que não têm mais nenhuma razão de ser, seja um periodo de passagem e de preparação para encontrar o modo de fazer prosperar o governo livre sem os partidos. Si tal succedesse á America, ella seria duplamente benemerita, de si mesma e da civilisação. De qualquer modo nos parece que a presente situação não póde prolongar-se. Ou o senso moral da nação reage, insurge-se e rechassa a corrupção politica, ou, com o andar dos tempos, diffundindo-se esta, deverá acabar por abaixar o nivel moral do paiz. Preferimos acreditar no triumpho certo do bem.»¹

Outro aspecto da democracia americana que merece condemnado por todos os espiritos verdadeiramente liberaes, como aliás o tem sido, aspecto que precisamos entre nós combater e repulsar, é a omnipotencia da maioria. N'esse ponto, qualquer dos estados da Europa occidental é

¹ *Obra cit.*, pag. 446.

mais livre, mais avançado, mais liberal do que a apregoadíssima democracia dos Estados- Unidos. A todos os espiritos livres repugna e revolta essa potencia brutal do numero, que despoticamente fere a liberdade do espirito, como outras liberdades.

Querem-se por extenso trasladadas as observações do profundo mestre das cousas americanas, o sempre citado Tocqueville, sobre semelhante feição da democracia americana.

«Tinham as monarchias absolutas deshonrado o despotismo; cuidemos em que as republicas democraticas o não reabilitem, e que tornando-o mais duro a alguns, não lhe tirem, aos olhos do maior numero, seu aspecto odioso e seu character aviltante.

«Nas mais altivas nações do mundo antigo, foram publicadas obras destinadas a fielmente pintar os vicios e ridiculos contemporaneos; La Bruyère habitava o palacio de Luiz XIV quando compoz seu capitulo sobre os grandes, e Molière criticava a côrte nas peças que fazia representar perante os cortezãos. Porém, o poder que domina nos Estados- Unidos, não consente em ser assim motejado. Fere-o a mais leve censura e a

minima verdade picante o exaspera; deve-se louvar desde as formas do seu falar até as suas mais solidas virtudes. Nenhum escriptor, qualquer que seja a sua fama, pôde forrar-se a esta obrigação de incensar seus concidadãos. A maioria vive n'uma eterna adoração de si mesma; sómente os estrangeiros ou a experiencia pôdem fazer passar certas verdades até aos ouvidos dos americanos. Si a America não teve ainda grandes escriptores, não ha procurarmos as razões alhures: não existe genio litterario sem liberdade espirital e nao ha liberdade espirital na America. A Inquisição não poude jamais impedir circulassem na Hespanha copia de livros contrarios á religião do maior numero. Nos Estados-Unidos o imperio da maioria consegue mais; tirou até a vontade de publical-os. Encontram-se incredulos na America, mas a incredulidade, por assim dizer, não acha orgão. Ha governos que esforçam-se por proteger os costumes condemnando os autores dos livros libertinos. Nos Estados-Unidos, não se condemna ninguem por esta especie de obras; mas ninguem é tentado a escrevel-as. Não é entretanto por terem todos os cidadãos costumes puros, mas a maioria é regular

nos seus. N'este caso, o uso do poder é sem duvida bom; tambem não falo sinão do poder em si mesmo. Este poder irresistivel é um facto constante, e o seu bom emprego é apenas accidental.»¹

A mediocridade caracteristica da litteratura e da arte americana, como a demasiada tendencia pratica da sua sciencia — manifestações todas de nenhum ponto comparaveis com as da sua actividade material — são uma resultante d'essa falta de liberdade de espirito, oriunda tambem da omnipotencia da maioria.

Certamente as cousas hoje não são exactamente as mesmas da epoca referida pelo publicista francez; tambem n'este ponto têm os americanos feito progresso, mas não tão grande que fundamentalmente destrua o vicio apontado e ainda agora reconhecido. Não sei si nos Estados-Unidos um Byron, um Strauss, um Rénan, um Taine, um Carlyle, um Ortigão, um Sylvio Romero ou um Tobias Barreto seriam possiveis. Em toda a formidavel controversia religiosa d'este seculo, que justamente nos paizes protes-

¹ *Obra cit.*, pag. 156.—É de ler todo o cap.

tantes tem ido mais accessa, os Estados-Unidos, apesar das suas inumeraveis seitas e seus muitos seminarios, salva a quantidade, appareceram tanto como nós. Isto só por si é indicativo e singular.

Espiritos ha — e não sei si não serão os melhores e os mais uteis — que ao direito de votar preferem o de escrever, e á liberdade de escolher um deputado, a de ter uma idéa e a de manifestal-a, fosse embora ella contraria á de todos os seus concidadãos.

Sejamos, pois, brasileiros e não *yankees*.

Conservemos a nossa originalidade, o nosso character nacional, os nossos costumes, o amor das nossas cousas. Estudemos os Estados-Unidos, estudemol-os não superficialmente como em tudo soimos fazer, mas fundamente. Não nos limitemos á apparencia deslumbradora da sua grandeza, penetremos nos reconditos de suas instituições e de suas funcções. Só assim veremos o que d'elles podemos criteriosamente adaptar, e utilmente aproveitar. Muito, muitissimo será o que nos poderão elles ensinar, mas, por amor da nossa patria, não aprendamos sinão o bom e, sobretudo, não nos ponhamos a maca-

queal-os sem discernimento, nem vergonha, fazendo-nos, nós que temos o direito de ser um astro soberano, um méro e modesto satellite da republica enorme.

A grande autoridade acima citada, que com sympathia só igual á capacidade, estudou-a minuciosa e profundamente, diz com superior razão: «... não considero as instituições americanas, nem como as unicas, nem como as melhores a adoptar por uma democracia.»¹

Imitemol-a, porém, desde já, no amor que lhes mereceu sempre, desde o inicio de sua vida nacional, a educação popular. Foi essa a preocupação maxima dos patriotas d'aquella nação.

Acolá não foi sómente o governo, mas a nação toda que tomou a si a causa patriotica entre todas da instrucção nacional. Associações, congregações, generosissimos particulares, doadores magnificos, puzeram ao serviço d'essa causa seus esforços, seu trabalho, sua propaganda, sua fortuna ou sua boa vontade. Á competencia de esforços e dedicação, o governo federal, o governo dos estados, os municipios, os cantões e, acaso

¹ *Obra cit.*, tom. II, pag. 109.

mais que todos os poderes publicos, a iniciativa individual, ergueram ali a instrucção a um ponto tal de ser citada e tomada como modelo em todo o mundo civilisado. Em dez annos somente, de 1866 a 1876, os donativos particulares á instrucção sobem a mais de 60 mil contos de réis! ¹ Peabody, Hopkins, Cornell, Vassar e dezenas de outros, fundam ou dotam largamente universidades, collegios, academias, escolas e institutos de educação e ensino de toda a sorte.

Imitemol-os n'isso, mas não vamos até querer, como appareceu n'um dos projectos de constituição federal, entregar exclusivamente á iniciativa particular a instrucção publica, quando essa iniciativa não existe no paiz, e quando isso é antipathico ao nosso temperamento nacional.

¹ Apud. Ruy Barbosa, *Obra cit.*, pag. 32.



CONCLUSÃO

C preciso ser profundamente otimista ou profundamente indiferente, para não ver quão grave e perigosa é a situação do nosso paiz, n'um periodo do qual depende todo o seu futuro. A sorte das Cassandras, sei, é não serem cridas: abstenho-me, por isso, de fazer claras as minhas prophcias e de manifestar as causas dos meus receios, que aliás a nenhum homem medianamente avisado escapam.

Taes perigos, que ameaçam a um tempo a liberdade e a integridade nacional, certo não será o revezar dos partidos, apenas distinctos pela alcunha que se dão, nem as constituições plebis-

citadas ou outorgadas, que os hão de conjurar, porque os produz a nossa falta de sentimento nacional, a nossa triste indiferença, a nossa carencia de espirito publico, a nossa fraqueza physica e consequente imbecilidade moral, e a nossa ignorancia.

Luis Couty, o mallogrado espirito que com tanta perspicacia applicou ás nossas questões sociaes a sua sagacidade scientifica, dizia da nossa população, que a sua situação funcional podia resumir-se em uma palavra: o Brazil não tem povo. E após haver estabelecido com precisão de homem de sciencia os dados d'onde tirava essa para nós tristissima e, ainda mal, verdadeira conclusão, rematava com este afflictivo corollario: « consequentemente o poder pessoal, o poder moderador, resumido em um homem, impõe-se ainda ao Brazil. » ¹

Embora escriptos ha dez annos, estes conceitos, aos quaes o advento da Republica veio trazer a confirmação dos factos, são ainda hoje reaes e verdadeiros, por isso que, ao envez da

¹ *L'Esclavage au Bresil*, Paris, 1881, pag. 87.

afirmativa do poeta, com o rei se não muda o povo.

Não ha paiz civilisado, não ha nação livre, não ha cultura, não ha grandeza nacional, não ha democracia, não ha republica — sinão quando ha um povo que tem a consciencia da sua força, dos seus deveres e dos seus direitos, em summa, que possui isso que o romano chamou civismo, e que nas nossas sociedades modernas chamamos espirito publico.

Sem illudir-me sobre as virtudes acaso exageradas da educação, sem julgal-a como certa escola, hoje decadente, uma panacéa, acredito entretanto que sómente a educação — no sentido mais amplo e alevantado d'esta palavra e d'esta coisa — póde conjurar os perigos a que alludo.

Educação physica que regenerando a nossa raça, nos dará com o vigor necessario para a lucta material da existencia, a consciencia do nosso valor pessoal, do qual se formará o nosso valor colectivo e se alentarão as nossas energias moraes.

Educação moral, educação do character, pelo combate a todos os vícios que nos minam e deprimem, e sobretudo pela educação do senti-

mento do dever, mais necessario e, ousado dizer, mais nobre que a indisciplinada reclamação dos direitos. Porque a liberdade é menos o exercicio dos direitos, que o cumprimento dos deveres, do qual nascem os sentimentos da responsabilidade e da solidariedade humana.

Educação intellectual, por ultimo, que nos dará os elementos indispensaveis ao progresso, á civilização e á grandeza das nações, e nos armará tambem contra as empezas dos sophistas de toda a casta e contra as illusões de certas doutrinas e theorias tão boas de medrar no feracissimo sólo da ignorancia popular, e finalmente:

Educação nacional, que resumindo todas estas, fal-as servir ao bem, á prosperidade, á gloria e á felicidade da patria, para que esta não seja apenas um nome na geographia, mas tenha um papel na historia.

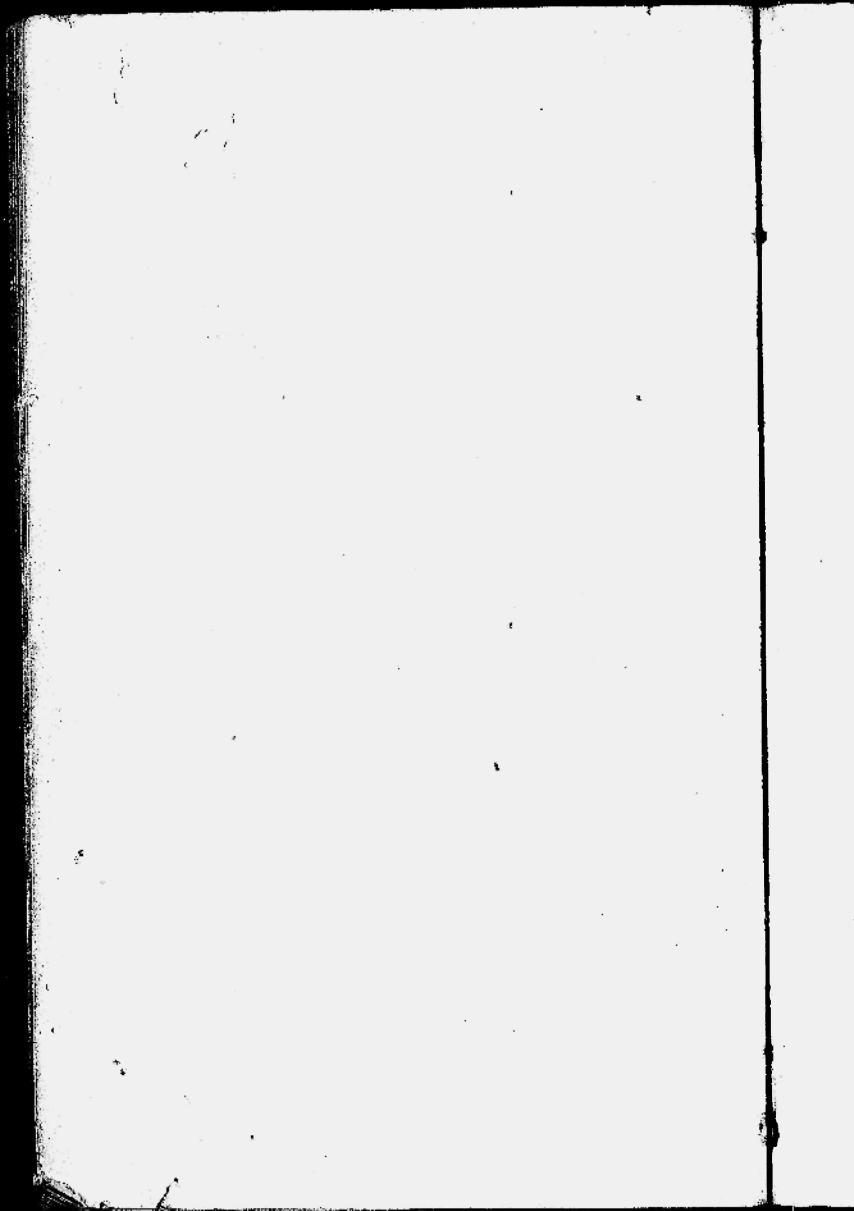
Não sómente á Escola cabe a tarefa da educação assim entendida sinão a todas as forças e órgãos sociaes: á Familia, ás Religiões, ao Governo, á Politica, á Sciencia, á Arte, á Litteratura.

Pensador livre em Religião, em Philosophia e em Politica, o autor d'este livro não pertence

a nenhuma igreja, a nenhuma escola, a nenhum partido. Perante a sua pátria, que estremece, e perante a sociedade a que pertence e á qual procura servir como entende melhor, é apenas, no bellissimo dizer biblico: «um homem de boa vontade.»

Foi com a boa vontade de servir o seu paiz que escreveu este livro, acaso inutil.





Indice

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | V |
| I A Educação Nacional..... | 1 |
| II As Características Brasileiras..... | 19 |
| III A Educação do Character..... | 47 |
| IV A Educação Physica..... | 65 |
| V A Geographia Patria e a Educação Nacional..... | 93 |
| VI A Historia Patria e a Educação Nacional..... | 113 |
| VII Brazil e Estados-Unidos..... | 149 |
| CONCLUSÃO..... | 177 |